



«TRIBULAÇÕES DE UM CAROÇO DE CAFÉ»

Em 1919, por intermédio da tipografia "Livro Verde" — G. Dionysio, o escritor João Guião publicou o livro Tribulações de um caroço de Café. Trata-se de uma verdadeira auto-biografia de um grão de café, suas aventuras, sua vida. Como homenagem ao antigo colaborador da "Comarca", de Mogi-Mirim, passamos a transcrever essa interessante história. Ela começa assim:

"Posso falar de mim com orgulho, porque não sou para si qualquer coisa. O meu ramo genealógico vem de longe, dos tempos bíblicos; a minha geração conhece as terras santas da Arábia, daí esparramou-se pela Europa, espandeu em Paris sob o reinado luminoso do rei Sol, o grande Luiz XIV, cuja corte acolheu os meus maiores com honrosas deferências. Tenho raça e tenho história; a minha gente frequentou os salões aristocráticos da Europa, e adaptando-se mais tarde às plagas libérrimas da hospitaleira América, aí se democratizou. Foi trazida para a terra de Colombo pelas mãos generosas do ilustre titular galego, o capitão Desclieux. O meu galho genealógico despontou dum elegante e robusto cafeeiro que se expandiu garboso na proa de uma galera, sob os carinhosos cuidados daquele oficial de marinha, e ficou implantado na ilha Martinica, em 1725, onde prosperou. A sua enorme prole desceu dali para as brasílicas regiões, nas quais fez o seu império, a sua glória, o seu esplendor para irradiar pelo mundo inteiro.

De todas as terras do globo onde a minha raça mais proliferou, cabe ao glorioso torrão paulista a honra sem par da primazia e preferência.

De ascendentes tão ilustres, em paragem tão feraz, não podia deixar de nascer a fina e ilustre raça, de cuja linhagem sou dos mais novos rebentos.

Vi a luz do dia numa tábua-mã de agosto quando o sol banhava-me o corpo ainda terço, envoltos nas cambranas brancas do cafeeiro em flor. Estertuei os membros entorpecidos,

fui desdendendo-os numa espiral e desabrochei aos beijos do sol, dentro de uma estrela de prata.

A bela lavoura do fazendeiro estava então em festas. Das colinas os frondajentes cafeeiros bem tratados e carpidos, desciam em linhas regulares pelas fraldas e se atufavam nas baixadas como um extenso mar verde, encrepado de espumas brancas a espraiair-se para o longe. Misturavam-se serras e esplanadas, colinas e planícies nos mesmos matizes ondulando como um veludo verde enfeitado de rendas claras; e mais para o longe rasgava-se o branco lençol nas arestas do horizonte azul.

Era a florada.

Nun galho embalavam-me os doces efluvios do aroma que evolava-se daqueles incensarios de prata, ressendo do pelo ambiente, e ouvia as abelhas rumorejarem, em tórno dos arbustos floridos, os seus brandos cochichos. Pelos carreadores desertos vojavam enxames de mosquitinhos vadios dançando nos fios da luz.

A minha mãe carinhosa, na sua túnica de fôlhas, parecia uma noiva formosa toda enfeitada de branco numa capela de flores.

A festa porém, durou poucos dias. Numa tardia sombria, cheia de névoas e brumas, as flores descolorindo-se, pouco e pouco esmaecendo, sumiram-se entre as folhagens do verdejante cafezal. Eu respondi então mais robusto do galho em que nascera, e dia a dia fui crescendo no meu berço de esmeraldas. Tomei corpo, criei força, enrijando-me nas cores vermelhas do sangue da terra róxã.

Meses e meses me fartei dessa vida florestal, assistindo de palanque os rudes trabalhos rurais. Via o colono assíduo, como um jardineiro amoroso, carpindo com todo o capricho o duro chão do cafezal; e quando algum "cipó de S. João" ou "erva de passarinho" se insinuava atrevido entre os galhos do cafeeiro, constringindo-lhe a seiva nas

suas garras assassinas, éle os arranca vivo solto para que a produção não soffre.

Num dia de maio, o cafezal encheu-se de estrepitante alegria. Os colonos em bandos vinham pelos carreadores, num alarido de festa, sobrando enormes punos e balaios de taquara, para iniciarem a colheita no meu talhão.

A fazenda estava então em plena atividade agrícola. Começada a apanha dos frutos, já ia adiantada a colheita. Desde a sede da propriedade agrícola até os talhões do cafezal, pelos terreiros e carreadores, era incessante a dobadaura daquela gente; iam, vinham, entravam, saíam numa afanosa atividade.

Em todas as variadas seções notava-se o mesmo afã no trabalho dos colonos, dos carroceiros, dos carreiros e dos fiscais, sob a vigilante direção do fazendeiro, que era tido como um dos melhores lavradores da redondeza.

Foi daí, dásse cafezal frondoso que eu saí para as aventuras da vida. Até então, além da árvore que me dera o ser, e mais os milhares de irmãos e companheiros que meus olhos atônitos viam por entre a verde folhagem do cafezal, conhecia apenas as caras pacíficas dos rústicos trabalhadores, um dos quais, num dado momento, me arancou do galho com a mão calosa e brutal. Foi a primeira agressão que recebi do homem.

Este desprendimento brusco e forçado causou-me grande susto, logo, porém, transformado em festivo riso quando me achei dentro do jacá com meus irmãos de sorte. Ríamos ruidosamente pregando uma peça ao fazendeiro para vê-lo em disputa com o colono. Empurrávamo-nos uns aos outros para que não nos faltasse o ar, e com esse movimento centrífugo o jacá se esvaizava; eis o fazendeiro a exigir do pobre colono que "calculasse bem a medida". Deduzi por observação que, no final das contas, quem ia no embulho dessa medida era o fazendeiro.

Quando nos despejaram na carroça e esta se pôs em movimento numa trepidação de chochoal, que terrível atordamento!! O balanço a uns divertia, a outros enjoava e aos solavancos do veículo iam-se empurrando mutuamente, obrigando alguns a saltarem. Na sua marcha lenta, a carroça ia esmagando os que se a tiravam fora dela. O fazendeiro, que vinha choutando atrás, zangou-se com o condutor recomendando-lhe mais cuidado e zelo, e foi seguindo para a morada. Mas a recriminação não deu resultado algum, continuei a ver muitos feridos derrubados no chão dos carreadores, e obser-

AVISO AOS Nossos ANUNCIANTES, ASSINANTES E AGENCIAS DE PUBLICIDADE

Em virtude dos contínuos e crescentes aumentos nas matérias-primas inerentes à confecção de nossa revista, somos constringidos a elaborar novas tarifas para os nossos anúncios, que entrarão em vigor a partir de 1º de Janeiro de 1963

A assinatura anual, em porte simples, no país, passará a custar Cr\$ 1.000,00.

São Paulo, Dezembro de 1962.

A Redação